

SUMÁRIO

Apresentação... p. 2

Poesia

Existência Impossível ... p. 3
Cyro Púperi

Felicidade... p. 4
José Nedel

Caminho... p. 5
Ilton Carlos Dellandréa

Cais... p. 6
Jorge Adelar Finatto

Cor de Maravilha... p. 8
Maria Joaquina Carbunck Schissi

Canto da Seca... p. 9
Manoel Santana Câmara Alves

Prosa

Peso da Consciência... p. 10
José Carlos Laitano

De Novo o Natal... p. 11
Afif Simões Neto

A Navalha... p. 12
Nathaniel Marques Guimarães

Obrigado, D. Vicente... p. 14
Osvaldo Moacir Alvarez

Fragmentos... p. 15
Fernando Rosa Grassi

APRESENTAÇÃO

Arte não é mero adorno, mas necessidade.

Os mais pragmáticos questionam o ato de criar.

Qual a utilidade da obra de arte?

A inutilidade da arte trabalha em favor da harmonia e da felicidade.

Os objetos de criação são 'inutensílios' que interessam ao espírito humano.

Dizem respeito ao ser profundo de cada pessoa.

Não faz sentido falar, por exemplo, da serventia do crepúsculo ou de um poema.

As folhas arrastadas pelo vento, no outono, interessam ao mercado?

Alguém já escreveu que criar é matar a morte.

O tempo - o dos juízes nem se fala - foge com impressionante agitação.

É preciso inventar tempo para criar e tempo para viver.

Tempo de ler um livro, de encontrar um amigo, de ir ao

cinema, de conversar com o filho, admirar a paisagem.

Senão, a morte cresce.

O Caderno de Literatura, nesse contexto, chega ao segundo número com o objetivo de divulgar o que estão fazendo os magistrados em termos de criação literária.

É uma idéia simples e aberta à participação dos colegas gaúchos e de outros Estados.

Uma lembrança: o endereço deste espaço na Internet é o

seguinte: <http://www.ajuris.org.br>

Aos colaboradores e leitores um forte abraço.

Jorge Adelar Finatto

Presidente da AJURIS: Cláudio Baldino Maciel
Diretor do Departamento de Cultura: José Carlos Laitano
Diretor do Caderno de Literatura: Jorge Adelar Finatto
Secretária Executiva do Dep. de Cultura: Leni Schultz
Editoração eletrônica e Impressão: Calábria Artes Gráficas
Contracapa: Nathaniel M. Guimarães
Fone Dep. Cultura: (051) 211-5177 Ramal: 220

Existência Impossível

(Figura diante do absurdo, sem desespero)

Cyro Púperi

Ao avesso

comecei a ter minha visão ao avesso:

e as pessoas andavam com seus interiores
para fora, escondendo a superfície do corpo;
e as casas mostravam-se pelos cômodos
obscurecendo a forma e o estilo, amarguradamente
escondidos ante o escancaramento de seus conteúdos;
e as árvores escorriam seiva bruta bem ante os meus olhos,
como se a vergonha estivesse na casca que as envolve;
e o mundo?... de uma hora para outra tudo passou a acontecer
nas profundezas da terra, ignorando por completo o conhecido
cotidiano.

Ao avesso foi se transformando,

bem como a minha visão, o meu pensamento:

e passei a ter idéias invertidas, as quais não me eram úteis
devido às convenções já formalizadas;
e comecei a partir de um conhecimento óbvio em direção
ao desconhecimento, à ignorância;
e acabei por entrar em rota suicida, entretanto que
jamais chegaria ao seu fim, pois pouco me restava:
já encontrava-me num ciclo ao avesso.

E agora?... agora fico encolhido em um canto,
sequer me mexo, sequer respiro, sequer penso,
sequer aguardo...

nada me é impossível, pois até a palavra possível
já se transformou ao avesso.

SUMÁRIO

ARTIGOS

ARTIGO

ARTIGO

ARTIGO

ARTIGO

ARTIGO

ARTIGO

FELICIDADE

José Nedel

Felicidade, onde é a tua casa?
Quisera em mim sentir teu forte abraço!
Toda a vez que te vejo a pouco espaço,
Tu foges - e meu pé sempre se atrasa.

Juiz de Direito Aposentado

CAMINHO

Ilton Carlos Dellandréa

Caminho no sentido da loucura coletiva.
Nem sei se minha alma é morta ou viva.

Caminho, apenas, conscientemente louco.
E vou seguir sempre assim,
a passos largos
ou pouco a pouco.

Nunca quero ter a mente sã.
Não gosto de viver sozinho.
E eu ficaria só no mundo,
com o meu caminho.

Os caminhos da loucura são imensos,
mais largos que a maior das avenidas.
O meu seria estreito
como a minha vida.

(Não tenho nada a oferecer, nada.
Todos têm tudo, e têm tanto,
que nem sei se vale à pena ofertar
meu canto).

Mas cantarei meu verso aos loucos,
em todos os sanatórios e nas ruas.

E vou ser como vocês
- cães atormentados -
mijando nos postes das avenidas largas
e uivando danado prá imensidão da lua.

Juiz de Alçada
dellan@c.povo.net

CAIS

Jorge Adelar Finatto

Tem dias em que saímos
com o corpo nu
para alojá-lo na primeira copa de árvore
e chorar longe dos homens

Dias em que os desejos
até os mais secretos
sucumbem apagados
na penumbra

Tempo de total privação
da carne e do sonho
tardes em silêncio reveladas
intervalo entre dois mundos

Olhamos o céu
no quadrado da janela
esperando ver a face de Deus
procuramos Deus
no íntimo da alma e das coisas
precisamos repousar no colo de Deus
sentir suas mãos nos olhos
para amparar a lágrima quente
que por ali verte

Tem dias em que estranhamos
o próprio olhar
que amanheceu mais seco
não reconhecemos a rua
onde tantas vezes inventamos o amor
na sombra dos cinamomos

As melhores viagens
ficaram sonhando no cais
enquanto navios partiam
repletos de homens decididos
em busca de cidades felizes

Onde andaré o menino
que nos visitava nos dias
em que tudo em volta
parecia desabar?

Em que gare deserta
se perdeu o guarda-chuva melancólico
com que meu avô ia à cidade
buscar a porção diária de pão

esperança
e jornal?

Tem manhãs em que apesar do sol
não habitamos o claro sentido
de existir
mal percebemos a luz
acalentando o corpo

Manhãs em que o carteiro
extravia a carta que irá nos salvar
a notícia tão esperada
que nos revelará
um mundo desconhecido
onde pandorgas falam
e o arco-íris é uma escada
que nos retira do poço

Não compreendemos
as mãos cansadas
a boca amarga
com que damos bom-dia aos vizinhos
cumprimentamos os 'superiores'
Tem noites em que o isolamento
é tão assombroso
que sentimos tristeza em tudo
principalmente na alegria ingênua
das velhas fotografias
uma dor inevitável
diante dos sonhos da infância

Dormimos em quartos de aluguel
projetamos ataúdes de aluguel
as dívidas invadem a porta
os poros

O amanhã ficou torto
na cordilheira dos dias
sem luz

A cidade parou no escuro
sufocou nossos melhores anos
inundou o rio
com seus maus óleos
seu excremento

Não merece um verso
sequer uma notícia fugidia
em página de jornal

Talvez careça uma bomba
um terremoto
talvez uma flor
povoando o asfalto

Estamos um pouco mais tristes
e calados
(um pouco só)

Trazemos um gosto de sol
entre os dentes
um resíduo de primavera
na palma da mão
uma promessa de encontro
no olhar

(Do livro "O Fazedor de Auroras")

Juiz de Direito, Comarca de Viamão
jfinatto@nutechnet.com.br

COR DE MARAVILHA

Maria Joaquina Caribunck Schissi

Me jogo de bruços sobre a cama
e choro
como se fosse morrer

Lá fora o cactus abriu flores
cor de maravilha
e elas embelezam meu pátio
como se não fosse inverno
e eu não estivesse triste

A voz do cantor e poeta alucinado
enche de som o meu quarto
e me faz sentir vontade de consolar
como se eu própria não estivesse louca de dor

Acendo o incenso
e seu perfume me lembra uma procissão
com cânticos e pessoas de mãos dadas
e sinto vontade de partilhar
como se não fosse miseravelmente pobre

Antes de explodir
arrebento portas, janelas e correntes
pego a caneta, o papel e o coração
e escrevo para você e para mim este poema
como se não tivesse medo

Vagarosamente
tropeçando, caindo, ficando no chão
levantando, desistindo, resistindo
recomeçando quase todos os dias
sei que caminho rumo ao topo ensolarado
da montanha do meu sonho

E me alegro
como se já fosse possível

Juíza do Trabalho, 2ª Junta de Conciliação
e Julgamento em Canoas

CANTO DA SECA

Manoel Santana Câmara Alves

Não quero piedade de mãos em oferenda
nem olhos lacrimejantes em oração
dos homens que assistem a nossa morte
entre a sede, a fome e a estiagem.

Não me venhas com palavras de ternura
nos canais de rádio e de televisão
pois a fome que ronda a minha carne
não tem tempo para espera, é selvagem.

A sede que se aninha em minha garganta
é cobra que morde a cada instante
é fúria que se alastra em meu peito.

Quero apenas o trabalho por sagrado
direito de ser livre, de ser homem
e não viver tangido como gado.

Juiz do Trabalho em São Paulo

PESO DA CONSCIÊNCIA

José Carlos Laitano

Tinha a consciência tão pesada/volumosa/espessa/
cerrada/densa, que, ao entrar no elevador do Congresso
Nacional, o ascensorista gritava: lotação esgotada!...
O colchão rebentava/ estourava/ partia/ quebrava/
trincava/fendia/rompia, sempre do mesmo lado. Na cabeceira.
Sexo tornou-se coisa impossível: imagine o peso da
cabeça, mais a barriga...
Era a sua desdita: remorso pela deliberação/
resolução/ determinação/ decisão de votar no Jango/
Sarney/Itamar/Marco Maciel, para a Vice-presidência.
Quando chegou à beirada da ponte Rio-Niterói não
precisou amarrar/ ligar/ prender/ ajustar/ aferrar/ atrelar/
atar pedra no pescoço.

(Do livro: Recado a um (velho) escritor, no prelo)

Juiz de Direito Aposentado
<http://www.pro.via-rs.com.br/pessoais/laitano>

DE NOVO O NATAL

Afif Simões Neto

Em uma noite de insônia deste indeciso inverno, ao começo da leitura de “Espada de Flor”, do poeta e psiquiatra Prado Veppo, lá de Santa Maria, deparei-me com uma daquelas solitárias páginas soltas, com ares de bilhete, de tez amarelecida, onde havia uma deliberada confissão de meu pai: “ As coisas que mais gosto: tango, feijão com charque, doce de abóbora, bife de baile, noite de chuva mansa, discurso de bêbado, conversa de camelô e fogo de chão no inverno. As coisas que não gosto: tango em versão brasileira, compromissos sociais, progresso, mulher braba, guitarra elétrica, discussão, agente de seguros de vida e sala de espera”.

Falta pouco para um novo Natal acontecer, e a cada ano que passa fica mais claro que Papai Noel existe. Tanto isso é verdade que o meu tinha até suas preferências mundanas. Outros são mais velhos, de longas barbas brancas, empunhando compridos bastões. Vendedores de neve por estes trópicos. São eles depósitos de caridade, vasos condutores de uma vontade obsessiva de ajudar os tornados miseráveis pela vida adiante. Alguns teimam em entrar pelas casas através de estreitas chaminés. E, quando conseguem a façanha, esquecem-se (a maioria é caduca) do saco de presentes no telhado. Que dizer, então, daqueles que vivem no desejo e nunca aparecem?

Mas também, um dia, os seus passos se cansam dos caminhos que percorrem por nós, e acaba morrendo o Papai Noel de cada um. Ou a fantasia que deles temos. E é por isso que vai comigo pelos natais de agora, por entre os sinos que curvam pela Belém do menino Jesus, uma triste cantiga, um inaudível pranto, lembrando o adeus do meu Papai Noel...

Juiz de Direito
Comarca de Pelotas

A NAVALHA

Nathaniel Marques Guimarães

Ao cair da noite a rua das mulheres despertava.

Surgiam luzes amareladas no interior das casas rasas, vultos passavam pelas calçadas, vendedores ambulantes, mulheres.

A carrocinha do cachorro-quente instalara-se junto à esquina - carbureto aceso - como se fosse um brilhante. O garção do barzinho "A Mão de Deus" foi colocar-se junto à porta, distraído.

- Mon chéri!...

O sussurro de voz revela a Carlinhos o rosto pintado da francesa do 108. Surpreendido, ele sente insegurança, mas prossegue seu andar. Contudo, recebera a imagem trágica da mulher: o rosto comprido emoldurado pelos cabelos loiros e ralos; os olhos verdes circundados pela sombra azulada e as faces com acentuados círculos de rouge. Nele a sensação de pecado e náusea, como se a mulher soprasse doenças venéreas em seu rosto.

Diante a casa de porta e janelas verdes, - triste como uma criatura humana, ficou parado, olhos colocados na janela iluminada. Ao redor o silêncio parecia oprimir seu coração. Próximo à esquina da carrocinha julgou ter visto - a roupa branca sob a luz do carbureto - o Homem dos Cachos.

Protegido pelos cinamomos, ele aguarda. Ouve o apito da locomotiva manobrando no pátio da estação do Riacho. Fora um silvo longo e repleto de angústia, como o de um animal ferido. Seria um mau presságio? Os joelhos lhe tremiam, levemente, e a boca inundara-se de saliva. Apertou o embrulho que levava sob o braço e procurou afastar o medo. Suas faces ardiavam e o estômago tornara-se sensível, persistente aquela sensação de balão a flutuar em suas entranhas. Procurava animar-se recordando Ondina; as pálpebras sombreadas que se fechavam ao final das frases; o sorriso, que mostrava os caninos no canto da boca, ao desfazer-se o riso.

- Você, novamente aqui?...

Ondina surgira à porta, batida pela luz avermelhada e fizera um agitar breve com a cabeça, afastando os cabelos que lhe caíam sobre o rosto. No estômago de Carlinhos os balões estouravam.

- Boa noite! - falou com voz sumida.

Estavam frente a frente, molhados pela luz vermelha quando um movimento na rua chamou suas atenções: surgiram na esquina os brigadianos da patrulha. Suas espadas brilham, tinem esporas. Estaria descoberto? Mas quem o salva é Ondina, que o socorre, rápida, puxando-o pelo corredor até o quarto. No coração de Carlinhos instalara-se um tambor implacável, que foi esmorecendo lentamente, seguido da respiração recuperada.

- Trouxe uma lembrança! - explica, estendendo-lhe o pequeno pacote.

Ondina se mostra surpresa e principia a desfazer o papel com a ponta dos dedos de unhas compridas. O sorriso mostrando os dois caninos naquele riso de colegial.

- É lindo!

Havia em Ondina, agora, agradecimento e ternura. Carlinhos percebera que ela estava lisonjeada e foi com surpresa que a viu voltar-se para si e principiar aquela espécie de sermão. Achava-se surpresa com a prova de amizade dele, contente mesmo, achava-o muito parecido com seu primeiro namorado, mas que aquela era já a terceira vez que ele aparecia, assim, no início das noites. E frisava: ele corria o risco dos brigadianos da patrulha e podia ser apanhado, levado ao juizado de menores. Depois, mostrando-se zangada: "ela tinha o seu homem e ele podia descobrir aquela ligação, tomá-lo como seu amante".

- Você sabe, Valdemar é um malvado!

Ondina procurava ser convincente, as mãos dele agarradas de encontro ao peito, onde principiava a nascer um ponto violento de desejo. As mãos do moço agora descansavam sobre as coxas dela, que escapavam da saia repuxada. Ondina pensava: "Valdemar nunca dava, tomava sempre". E foi

sendo atraída com vagar, naquela moleza até ficar colada ao corpo do moço, a pele arrepiada ao toque das mãos jovens. Deixou-se estirar sobre o leito, mansamente, como uma gata.

O tempo mistura-se à luz avermelhada do quarto, onde coisas e corpos parecem flutuar. Mal se ouvem os sons vindos da rua das mulheres: vozes, risos, um rádio tocando música de novela. A sonolência é subitamente sacudida pelas batidas distantes do relógio da Igreja Pão dos Pobres.

- É tarde! - adverte a mulher.

Ondina levanta-se, reintegrada ao real. Espreguiça-se, braços erguidos e corpo inclinado para trás, depois principia a vestir-se em movimentos lentos. Carlinhos tentara desviar o olhar mas já havia visto as nádegas dela, trêmulas ao andar, e seu torso nu. Fora uma intenção inútil: aquela imagem íntima iria acompanhá-lo e seria revivida na solidão de seu quarto, meter-se-ia na sala limpa e ordenada de sua casa, entre a mãe e a irmã.

- Precisamos terminar!

Ondina falava sem convicção. Carlinhos vestia-se lentamente e concordava com gestos repetidos de cabeça. Sofria aquela despedida e quase sufocou com o beijo que ela lhe deu, bem na boca, apanhada reforçada, os caninos dela magoando os lábios e a gengiva dele, num frenesi.

- Não volte mais! - ela se despedia.

Carlinhos não acreditava na decisão de Ondina e percebeu em seus gestos e olhares que a mulher sentia coisa diferente. Presente nela aquela ternura de antes, mas fingia acreditar, conformar-se, sabendo que na semana seguinte lá estaria novamente, como se fosse um freguês qualquer.

- Não volte mais! - ela repetia.

Devolvido à rua Carlinhos respirou fundamente, liberando os pulmões do pó-de-arroz e do cheiro de Ondina. Desejou achar-se logo em casa, vencidos os perigos da rua das mulheres, e poder ruminar Ondina no silêncio do quarto. Olhou uma última vez para a casa de porta e janelas verdes: Ondina desaparecera do portal iluminado.

Andou alguns passos: o seu dinheiro estava todo ali no bolso das calças, trocadinho, como o havia levado. Ondina teimava em não aceitar pagamento, bem como das outras vezes. Aquela gratuidade, embora o fizesse sentir-se envergonhado, dava-lhe também a estranha sensação de masculinidade, misturada a certa euforia e leveza no corpo.

Carlinhos ouvia vozes vindas do mercadinho "A Mão de Deus", justamente onde os brigadianos ficavam a conversar durante as rondas e manteve-se junto à escuridão das árvores. Confiava burlar fácil a vigilância dos soldados e sair da rua das mulheres sem despertar atenções. Atravessaria a rua, tomando os lados do rio e, andando entre as pilhas de lenha, alcançaria o centro da cidade pelo Viaduto, salvo de perigos.

O ar leve da noite o tranqüilizava. Sentiu vontade de olhar as embarcações, os pescadores. Voltou-se para os lados do rio e pensou ter ouvido novamente o relógio do Pão dos Pobres. Que horas seriam? Foi quando pressentiu aquele vulto enorme avançando em sua direção. Valdemar estendia a mão potente e foi segurar-lhe a camisa à altura da gola, erguendo-o no ar. Carlinhos foi envolvido pelo ranger de panos e botões rebentando e viu diante seu rosto o brilho da navalha.

- Fedelho!

A palavra de Valdemar fora cuspidada em seu rosto e estava misturada ao cheiro azedo da aguardente. Felizmente o outro o soltou, tão subitamente como o apanhara e seus pés tocaram o chão, desajeitados.

Os dois olhavam a figura magra e longilínea do Homem dos Cachos, que surgira com suas vestes brancas entre os cinamomos - a mão erguida, como na figura religiosa - e se interpusera entre eles.

Depois os três se afastaram em silêncio, seguindo cada qual o seu caminho.

OBRIGADO, D.VICENTE

Oswaldo Moacir Alvarez

Há longos anos atrás, quase véspera do Natal, D. Vicente Scherer, então Arcebispo Metropolitano, resolveu visitar seu amigo, Egberto Becker, advogado e professor de Direito da UFRGS, que, na época, achava-se estabelecido com escritório no 8º andar do edifício União, em Porto Alegre.

Ao chegar à sala de espera, D. Vicente deparou-se com a figura do "office-boy": um garoto magricela, encurvado, quase 1,80m, rosto encovado, vestido modestamente, em suma, aparência de dar pena.

Com extrema gentileza, D.Vicente começou a conversar com o menino, perguntando-lhe o nome, onde residia e se estudava. O meninote respondeu que morava em Canoas, vinha para o serviço, todo o dia, de trem-operário, e, à noite, estudava no Júlio de Castilhos. Sim, pretendia continuar os estudos, mas estava difícil. Desejava cursar Direito e um dia ser juiz, arrematou.

D.Vicente falou com o amigo e, ao sair, com a simplicidade que lhe era peculiar, voltou ao menino, dizendo-lhe: "Que Deus te abençoe", dando um forte aperto na mão do pobre garoto de vila.

Qual não foi a surpresa do "office-boy" ao abrir a mão! D.Vicente lhe deixara, em dinheiro, o correspondente a um mês de salário!

E como foi farto aquele Natal! Não só em religiosidade, mas também em coisas boas que o garoto levou para a família, não sem antes passar pela volta do Mercado e comprar os óculos "ray-ban", que tanto admirava, e uma camisa azul...

Hoje, passados tantos anos, D.Vicente, se vivo, sequer poderia imaginar por onde andaria aquele menino desengonçado e feio.

Aqui estou, D.Vicente. Muito obrigado pela lição inesquecível de amor ao semelhante.

Juiz. Aposentado do
Tribunal Regional Federal

FRAGMENTOS

Fernando Rosa Grassi

A temperatura baixou. Diminuiu o movimento das ruas. Venta. As pessoas se protegem. A tarde parece triste, na espera de um crepúsculo agônico. Ou serei eu e o meu angustiante entardecer?

Na madrugada, nos reuníamos na cozinha da casa da Ondina. Quase sempre os mesmos, mais as mulheres que haviam encerrado o trabalho de salão. Valdemar dedilhava seu violão. De dia era chofer de praça, com ponto na pracinha Otávio Rocha. Sempre aparecia um ou outro improvisado cantor. E os versos tristes fendiam a noite quente que entrava pela janela aberta: "Quanto mais bebida eu ponho, mais cresce a mulher no sonho, na taça e no meu coração".

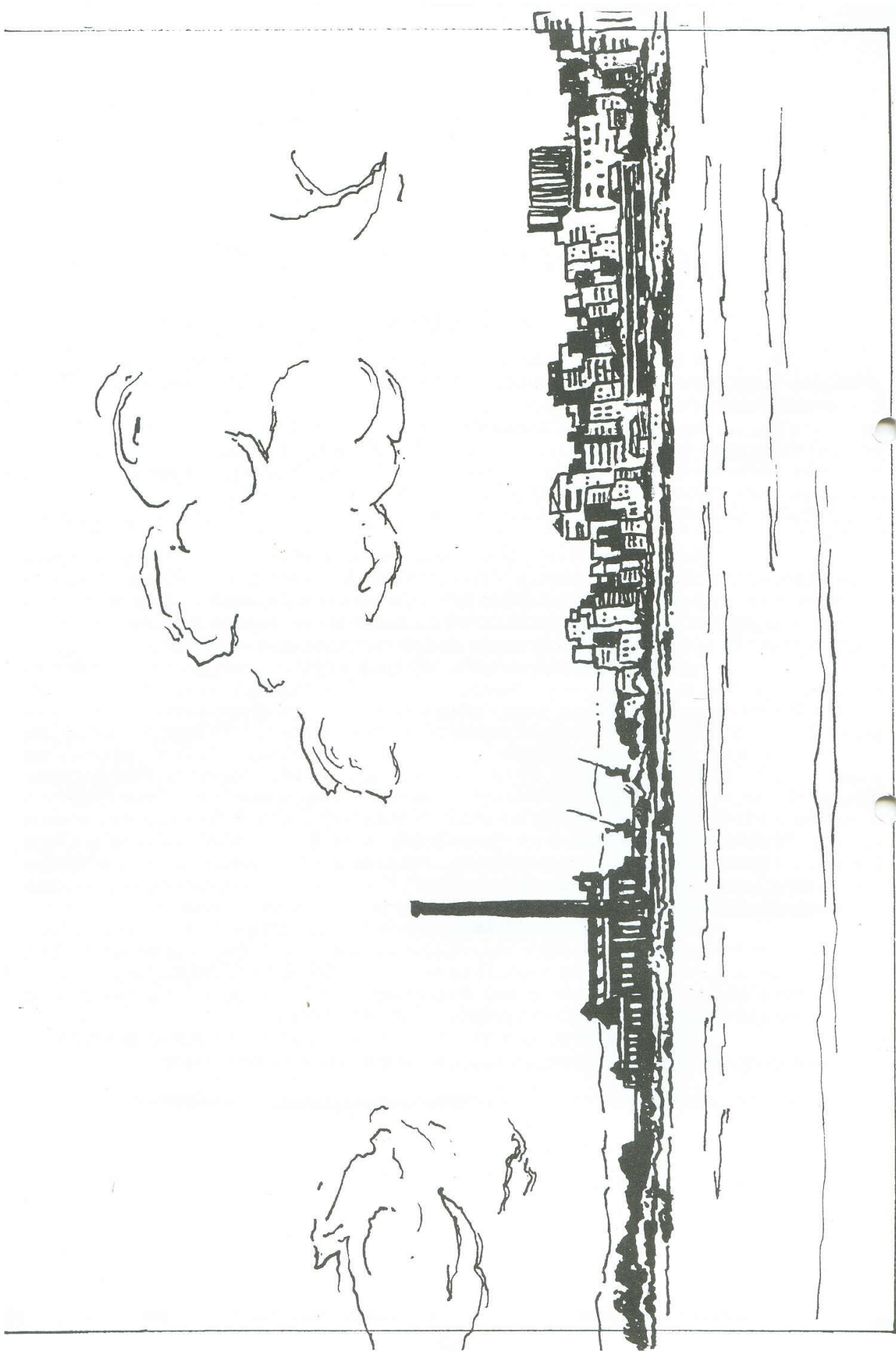
Bebemos, além da conta. Literalmente além da conta, pois não tínhamos dinheiro suficiente para pagá-la. Não que fosse muita bebida. O dinheiro era escasso. Através de alguns sinais, reunimo-nos no banheiro. O que fazer? Era uma situação insólita. Afinal, resolvemos que só havia uma solução: falar com a dona da casa, a D. Dulce, explicar o acontecido, pedir prazo, clemência, qualquer coisa, enfim, para resolver o impasse constrangedor.

Não tínhamos nenhuma relação com a cafetina. Desde que freqüentávamos a casa, por uma ou duas vezes, ela passara pela penumbra do salão, esvoaçando seus finos vestidos. Por isso mesmo, atendida a nossa súplica entramos em seu quarto com um certo temor reverencial. Os aposentos eram enormes, exageradamente ajazados com indescritível coleção de adereços. Havia uma mistura promíscua entre o requinte e o vulgar. D. Dulce acolheu-nos maternalmente, recostada embaixo de um dossel de luxo oriental. Vestia rico penhoar. (Bilac estivera ali: "amplo dossel de seda levantina/Por colunas de jaspe sustentado/ Cobre os cetins e a cashmere fina/Do régio leito de ébano lavrado"). Mandou-nos sentar, querendo deixar-nos à vontade. Embaraçado expus nossa tragédia de bordel. Ao final, surpreendentemente, D. Dulce começou a rir. Ria com gosto de nossas aflições. Parou de rir, tocou uma sineta e mandou um garçon servir uma bebida "aqui para os meus filhos". Depois com calma, afetuosamente, disse que aquilo não era nada, que tínhamos todo o tempo do mundo para saldar nosso débito.

Enquanto durou a conversa, senti felicidade naquela mulher. Prendeu-nos o que pôde, sem ligar para o nosso acanhamento, já quase desfeito. Quando nos retiramos, já na porta, ao darmos o último boa-noite, vi uma mulher meio gorda, na meia idade, mergulhada na mais funda e terrível solidão. Entendi sua alegria de instantes atrás. Aquela mulher vivia completamente só. Sozinha e triste. Era a própria solidão de penhoar.

A história acabou. O filme vai chegando ao fim. A câmara vai se afastando vagarosamente, deixando a personagem na mais completa e absoluta solidão.

Juiz de Direito Aposentado



Usina na contraluz - Porto Alegre